

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Andrezza Catharina CAMERA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PERSONAGEM: DE ANA CLARA ATÉ ANA
TURVA.

São Paulo

2013

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Andrezza Catharina CAMERA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PERSONAGEM: DE ANA CLARA ATÉ
ANA TURVA.**

Trabalho Temático da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo apresentado aos docentes da Faculdade de Biblioteconomia e Ciência Da Informação para aprovação nas matérias ministradas no segundo semestre do curso.

São Paulo

2013

“A voz branca de Ana Clara parecia vir filtrada através dos algodões: ‘Um, dois, três, quatro, cinco... seis... sss...’ [...] *Not to be.*”

(TELLES, 1974. p. 55, grifo do autor).

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	4
2	A OBRA: AS MENINAS.....	4
3	PERSONAGEM: ANA CLARA.....	4
3.1	Infância.....	5
3.1.1	Violência.....	6
3.3	Estigma.....	7
3.4	Ana Turva.....	8
4	CONCLUSÃO.....	9
	REFERÊNCIAS.....	10

1 APRESENTAÇÃO

O trabalho a seguir apresentado tem como intenção explorar a personagem Ana Clara do romance “As Meninas” de Lygia Fagundes Telles, com intenção de levantar os fatores que a levarão a se tornar a “Ana Turva”.

Através de uma análise a respeito de sua infância, traumas, relatos e escolhas, as duas personalidades serão colocadas em foco a fim de definir suas semelhanças, diferenças e fins.

2 A OBRA: AS MENINAS.

O romance “As Meninas” de Lygia Fagundes Telles foi escrito em 1973 durante o Regime Militar no Brasil. Ele conta a história de três universitárias de classes sociais diferentes que moram no mesmo pensionato e se tornam amigas e cúmplices. Considerado um romance psicológico a autora usa da narrativa de 1ª e 3ª pessoa para descrever os pensamentos, ações e medos das três protagonistas. Apesar das muitas diferenças entre as três “meninas” (Ana Clara, Lorena e Lia) todas compartilham de questões muito semelhantes como os relacionamentos amorosos, a busca pela liberdade e a necessidade de afirmarem sua identidade.

3 PERSONAGEM: ANA CLARA.

Ana Clara é uma das três protagonistas do romance “As Meninas” de Lygia Fagundes Telles. Levando-se em conta que a obra traz as diferenças de classes sociais ela se encontra na mais baixa. Não conhece o pai, a mãe se suicida com formicida e não possui qualquer outro tipo de laço familiar.

Ana Clara é descrita sendo alta, ruiva, com olhos verdes e de grande beleza, isso é considerado pela personagem como uma compensação por todos os traumas que ela passa em sua vida. Quando criança é abusada pelos diversos amantes da mãe, seus relatos a respeito da sua infância dão a entender que isso acontece muitas vezes e com diversas pessoas, e por esse mesmo motivo ela acaba não tendo qualquer tipo de desejo sexual por ninguém, ou sentindo prazer algum.

Engrena nada. Se ao menos engrenasse mesmo e eu subisse pelas paredes de tanto engrenar e a cabeça deixasse roque-roque de pensar só coisas chatas. Mas por que minha cabeça tem que ser minha inimiga pomba. Só penso pensamento que me faz sofrer. Por que essa droga de cabeça tem tanto ódio

de mim? Isso nenhum analista me explicou isso da cabeça. Só de porre me deixa em paz essa sacana. (TELLES, 1974, p. 26)

Em busca de maneiras de esquecer seus traumas e fugir das lembranças Ana Clara acaba frequentemente se entregando as drogas (álcool, metanfetamina e comprimidos) como uma forma de escape. Ela consulta terapeutas, todos bancados por Madre Alix, freira que comanda o pensionato em que mora e que se torna sua confidente.

Desejando a ascensão social Ana Clara fica noiva de um homem com posses, acreditando que seu maior problema é a falta de dinheiro e quando o tivesse poderia largar as drogas e ter a vida que sempre almejou.

“Ana a Deprimente. Deprimida e deprimente. Os amantes. As angústias.” (TELLES, 1974, p. 54)

3.1 Infância

“Infância. Na realidade tudo se descobre lá longe [...]” (TELLES, 1974, p. 33)

A infância da personagem Ana Clara é o único momento que ela conhece o que é uma família. Vivendo de favor com os amantes da mãe ela possui conceitos distorcidos a respeito do que é a estrutura familiar, considerando que a família é a primeira estrutura e contato social, isso explica sua dificuldade em estabelecer relacionamentos.

“[...] a família é uma instituição social fundamental, de cujas contribuições dependem todas as outras instituições.” (SAMARA, 1993, p. 7)

Levando-se em conta que a família tem como maior objetivo a proteção dos seus membros, a família de Ana Clara não cumpre o objetivo, até mesmo a marginalizando a violentando. A ausência do pai faz com que a personagem se sinta fragilizada, fator que se reflete mais tarde em sua vida adulta, o contato com outros homens não é mais nada além da busca da proteção paterna na qual foi privada.

“E se for meu pai. Se de repente é meu pai. Corro atrás dele. [...] Meu pai está comigo. Estou protegida. Protegida.” (TELLES, 1974, p. 172-173)

Ana Clara não é a única sujeita a violências, sua mãe é agredida pelos companheiros amorosos, após perder um filho devido a uma briga com um dos amantes, Judite, a mãe da protagonista, resolve se suicidar com formicida. A morte da mãe é marcada como o fim da infância de Ana Clara que se liberta do único e último laço que ela possuía.

[...] nessa noite mesmo tomou formicida. Morreu mais encolhidinha do que uma formiga nunca pensei que ela fosse assim pequena. (TELLES, 1974, p. 74)

3.1.1 Violência

Ana Clara é uma personagem marcada pela violência, agredida pela sociedade em que vive, pela sua posição social, pela sua aparência, e isso é principalmente na sua infância. A ausência da proteção pela família faz com que ainda jovem seja violentada por diversos homens, sendo muitos deles amantes de sua mãe com que ela tinha que conviver no seu dia-a-dia, muitas vezes morar no mesmo lar por não ter moradia própria.

“Ora musica de agressão. Estou cheia de agressão que pra meu gosto já fui demais.” (TELLES, 1974, p. 38)

A personagem narra um primeiro momento em uma construção e volta a falar do mesmo diversas vezes, às vezes nas entrelinhas e outras de forma explicita como fui abusada, dando a entender que não por um único individuo.

Minha infância inteira é feita de cheiros. O cheiro frio do cimento da construção [...] Comigo vai ser diferente. Di-ferente repetia com os ratos que roque-roque roíam meu sono naquela construção embaratada di-ferente di-ferente repeti enquanto a mão arrebentava o botão da minha blusa. Onde será que foi parar meu botão eu disse e de repente ficou tão importante aquele botão que saltou quando a mão procurava mais embaixo por que os seios já não interessavam mais. Por que os seios já não interessavam mais por que? [...] As unhas arrebentando o elástico da minha calça e enfiando o dedo de barata-aranha pelos buracos todos que ia encontrando tinha tanto lá na construção lembra? (TELLES, 1974, p. 31)

Ana Clara não quer ter o mesmo destino que a mãe, por esse mesmo motivo ela se dispersa das situações em que vive, mantém a sua mente em um lugar distante e bloqueia o que vive como maneira de se proteger. Esse recurso mais tarde a impede de sentir desejo ou prazer sexual, mesmo com o rapaz que deseja (Max) e a torna uma pessoa incapaz de discernir suas próprias emoções e anseios.

“Faz tempo que já não sinto nada. Travada. Tinha outra palavra que ele gostava de dizer qual era mesmo? [...] Bloqueada agora lembro bloqueada.” (TELLES, 1974, p. 27)

Um personagem importante na vida de Ana Clara é o “Doutor Algodãozinho” apelido do dentista que tratava ela e sua mãe. Afim de ter tratamento mais caros o médico utilizava de fins ilegais para não tratar os problemas dentários de mãe e filha, quando houve a necessidade

de um tratamento mais caro (a ponte nos dentes dianteiros), o “sexo” é usado como moeda de troca pela mãe, e isso gera o abuso de Ana Clara além de objetificar seu corpo a fim de alcançar o que deseja, aspecto que vemos mais tarde quando ela se torna noiva de um homem somente pelos seus bens materiais, utilizando de sua boa aparência para alcançar o desejado.

“[...] ele começou a alisar o guardanapo com mais força enquanto repetia a beleza que a ponte ia ficar.” (TELLES, 1974, p. 30) “[...] gritei e o motor da broca ligado para disfarçar o grito porque a preta do lenço já batia na porta [...] Pronto pensei chorando de alegria. Agora vai me soltar porque a preta conhecia a mulher dele e ele tinha medo da mulher.” (TELLES, 1974, p. 32)

3.3 Estigma

“Os gregos que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo *estigma* para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava.” (GOFFMAN, 1988, p. 11, grifo do autor).

Ana Clara pode ser considerada uma personagem estigmatizada por muitos motivos mas o principal deles é sua origem. A ausência de família, parentesco, e nome é evidenciado nos muitos diálogos internos da personagem e com as outras duas protagonistas. Sua marginalização e consequente localização na pirâmide social fazem com que ela sofra as consequências do estigma que é carregado em sua aparência e modos. Goffman diz que são primeiros aspectos que nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social” (1988, p. 12), sendo assim a dificuldade de Ana Clara em encontrar sua identidade e sua localização na sociedade faz com que se torne alguém difícil de se julgar.

Mãezinha (personagem que é mãe de Lorena) a julga vulgar enquanto outros a julgam uma Deusa devido a sua aparência. Essa discordância de rotulação por diferentes personagens é resposta a dificuldade da protagonista em definir sua identidade.

O estigma é interno, Ana Clara é a própria julgadora de seus defeitos, através de suas alucinações e pensamentos ela conclui que os outros a julgam e desmerecem devido aos mais diferentes critérios, ou principais sendo inveja e suas origens.

“Adeus Ana Clara Conceição filha de Judite Conceição mas é esse seu sobrenome? [...] Conceição sim senhora. E daí? Quem mais nesta cidade se importa com nome?” (TELLES, 1974, p. 71-72)

A confusão de sua identidade se afirmar ainda mais quando ela, em determinada cena do romance, mente a respeito do seu nome, apresentando-se a um empresário como Lorena. Nessa passagem temos duas hipóteses diferentes, a primeira sendo a vergonha de Ana Clara a respeito de sua identidade e a necessidade de assumir uma nova; e a segunda a respeito do desejo de se manter anônima, jogando as responsabilidades de seus atos em outra pessoa, no caso, Lorena.

Todos os fatores listados acima desencadeiam o que seria a construção de Ana Turva, a identidade virtual de Ana Clara que acaba se tornando real devido a ausência de discernimento entre as duas.

[...] o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial – uma caracterização “efetiva”, uma *identidade social virtual*. A categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua *identidade social real*. (GOFFMAN, 1988, p. 12, grifo do autor).

3.4 Ana Turva

A identidade pessoal, então, está relacionada com a pressuposição de que ele pode ser diferenciado de todos os outros e que, em torno desses meios de diferenciação, podem-se apegar e entrelaçar [...] uma história contínua e única de fatos sociais que se torna, então, a substância pegajosa à qual vêm-se agregar outros fatos biográficos. (GOFFMAN, 1988, p. 67)

A dificuldade em definir sua própria identidade faz com que a personagem Ana Clara crie a “Ana Turva”, apelido dado por suas colegas para definir a personagem instável que ela tende a se tornar.

Ana Turva é o reflexo da violência sofrida pela protagonista e conseqüentemente do estigma que a mesma cria em si mesma. A falta de contato social faz com que ela não encontre seu posto no sistema em que vive, perdida, ela não se identifica com os outros indivíduos ao seu redor e se isola em sua própria mente, muitas vezes utilizando de drogas para ligar o *off* em sua distorcida consciência.

O relato da mentira a respeito de seu nome, como anteriormente citado, é visto por Goffman como a maneira mais simples de ter sua identidade alterada (1988, p. 68) e é isso que a

personagem busca durante todo o romance, uma forma de mudar o seu “eu” de abandonar “Ana Turva” e tornar-se “Ana Clara” mas não como nasceu, uma nova, fato reforçado quando ela mente a respeito de suas origens, inventa um parentesco almejado usando como desculpa a completa falta de informação a respeito.

“Certos gestos e palavras de Ana Clara, coitadinha. Tudo está nos detalhes: as origens, a fé, a alegria. Deus. Principalmente as origens. ‘Lá sei das minhas, me disse quando ficou de fogo. Nem quero saber.’” (TELLES, 1974, p. 13).

Ou seja, Ana Turva é o resultado final de uma série de eventos desafortunados de uma Ana Clara que deixa de existir, em busca de uma identidade que não encontra, pelo menos não em vida. Telles – autora do livro – a transforma na pessoa almejada somente no último capítulo do livro, em que Ana Turva torna-se *clara* em seu fim, vestida da forma que sempre almejou, com a paz desejada.

“Enfim, com Ana Turva é tudo sobre o delírio.” (TELLES, 1974, p. 157).

4 CONCLUSÃO

Através de todos os aspectos pesquisados e levantados podemos chegar a construção de uma identidade final para a personagem. Ana Clara é a infância, a criança maltratada, violentada, marginalizada e Ana Turva é o resultado da construção de Ana Clara: fria, incapaz de empatia, incapaz de estabelecer contatos sociais, relacionamentos e insatisfeita com o mundo e consigo mesma.

Ana Turva morre em um último desfecho, e Ana Clara – adormecida durante a fase adulta – renasce em morte.

REFERÊNCIAS

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

SAMARA, E. M. **A família brasileira**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TELLES, L. F. **As meninas**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.